

RUA BARÃO DE MONJARDIM

AJ20165

Arquivo da Fundação Jones dos Santos Neves

Fotos de Nestor Müller



Na foto antiga de Vitória (antes do aterro)destacam-se a “avenida Capichaba”e o velho prédio da Capitania dos Portos, próximo à Barão de Monjardim, hoje completamente descaracterizada.

Ela já foi reduto político no século passado. Hoje, está desfigurada



Fotos de Nestor Müller

Hoje a Barão de Monjardim serve apenas de estacionamento.
Aos poucos, aumenta o movimento comercial

Tranquila e quase isolada do centro nervoso da cidade, além de desconhecida por muita gente, especialmente pelos jovens: assim é a rua Barão de Monjardim. Traçar sua história torna-se difícil, diante da escassez de dados ou referências impressas a respeito de um dos mais tradicionais recantos da capital espírito-santense.

Mauro Sérgio Loureiro



Adelpho Poli Monjardim, desde o início do século morando na Barão de Monjardim, é o maior registro vivo de sua história

Foi no século passado, em 1896, que se deu a fundação da rua Barão de Monjardim — até então, conhecida como rua São João. A mudança do nome aconteceu a partir do momento em que o intendente do Paço Municipal, — hoje Prefeitura — Joaquim Lírio, entendeu que deveria homenagear o Barão de Monjardim pelos seus relevantes serviços prestados à Província do Espírito Santo, da qual havia sido presidente por duas vezes, e também porque foi o morador mais antigo do local.

Antes de ser aberta, a rua fazia parte

da chácara da família Monjardim, que começava onde hoje está localizada a Capitania dos Portos, indo até em frente ao Clube de Regatas Saldanha da Gama.

Naquele tempo, sombreada por uma floresta fechada e muitas fruteiras, a rua Barão de Monjardim era muito calma, com pouquíssimos estabelecimentos comerciais, entre eles quitandas e botecoquins. Ela era descalça, mais estreita e reunia poucas casas, das quais três, do final do século, ainda estão de pé.

O ex-prefeito de Vitória, Adelpho Poli Monjardim, que vez por outra escreve

livros, trazendo à memória fatos importantes do século passado e início do nosso século, lembra-se de alguns acontecimentos, acerca dos quais sempre comenta com os amigos.

— Por essa rua, até o ano de 1910, nós tínhamos uma atração que foi considerada uma das melhores do nosso tempo. Tratava-se do bonde com tração animal. Esse bonde, puxado por dois burros, saía da Vila Rubim e passava pelo Largo da Conceição (praça Costa Pereira), ruas do Rosário, Cristóvão Colombo, Barão de Monjardim, indo até a Praia Comprida. Ele trafegava diariamente e sempre que passava despertava a atenção de todos.

Adelpho lembra que em determinadas ocasiões o bonde parava de funcionar devido às greves dos motoneiros, “mas era uma greve diferente das que são feitas atualmente”, comenta. Segundo Adelpho, para a paralisação das atividades, os motoneiros enchiam os trilhos de capim, os burros paravam para comer. Nem mesmo as chibatadas faziam com que eles voltassem a trabalhar. Os trabalhadores não precisavam usar de violência e “a coisa era muito engraçada”, comenta o escritor.

Mas não só de calma vivia a rua Barão de Monjardim. Ela já foi centro de tradição política, pois ali funcionava a sede do Partido Liberal, que reunia vários políticos tradicionais, entre eles Muniz Freire, o general Aristides Guaraná e o próprio Barão de Monjardim. Era exatamente na Barão de Monjardim que os liberais se reuniam para a tomada de mui-

tas decisões, algumas delas fundamentais para o Espírito Santo. Tudo acontecia na chácara da família Monjardim.

Em outras oportunidades, a rua chegou a ser palco de acontecimentos “menos recomendáveis”, como conta Adelpho Monjardim. “Foi no período de governo de Henrique Coutinho, presidente da Província, que a nossa rua experimentou os fatos mais deprimentes de toda a sua história. Por esses tempos o clima político era de muita agitação e foi quando Henrique Coutinho trouxe pistoleiros de outros Estados para matar nossos familiares. Eles se postavam em frente à nossa casa, fingindo que estavam marchando, pois eram militares, mas na verdade estavam provocando e procurando uma oportunidade para matar algum dos nossos familiares”, conta o ex-prefeito de Vitória.

A rua Barão de Monjardim não era só política. Com o tempo, já no início do século, começou a receber os seus primeiros pontos de diversão. Mas o estabelecimento que durante muitos anos mais se destacou foi o Clube Pastinha, comenta Adelpho Monjardim. “Ali nós fazíamos o nosso carnaval, cujos preparativos eram feitos com três meses de antecedência. Era um clube muito bonito e animado, onde se reuniam os moradores de todo o centro da cidade e dos bairros próximos, existentes na época, como Santo Antônio, Jucutuquara e Praia do Suá”.

BRINCADEIRAS

Adelpho lembra-se de alguns fatos que ficaram registrados na memória dos que habitavam a rua Barão de Monjardim:

— Todos os anos nós realizávamos a tradicional festa junina. A animação era total, com grande concorrência de público. Numa dessas festas, no momento do “quebra-pote” houve um tumulto muito grande. Um rapaz, bem disposto, com um pano nos olhos tentava de todas as maneiras acertar o pote. Quando acertou, houve uma surpresa para todos: dentro do pote havia um gato preto, que saiu saltando sobre as cabeças das pessoas e causando muita confusão. Como não poderia deixar de ser, a festa acabou — conta, rindo, Adelpho.

Em seu livro de lendas e folclores do Espírito Santo, publicado no ano passado, Adelpho relata uma outra história, ocorrida durante outra festa junina. “Um crioulinho, do morro do Forte São João, se dispôs a subir no pau-de-sebo. Na ânsia de conquistar o prêmio que estava pendurado naquele madeiro, o rapaz se esforçava. Quando conseguiu o papel e o

abriu estava escrito: “Cansadinho, hein? Vai trabalhar, vagabundo!” Nesse momento houve uma grande confusão e foi preciso a interferência da polícia para apaziguar o pessoal, e dominar o rapaz”.

As casas antigas que ainda existem na Barão de Monjardim, construídas no século passado, segundo Adelpho Monjardim, pertenceram a Mirabeau Bastos, outra à viúva do Copolilo, pai do juiz Paulo Copolilo, e uma terceira ao seu primo José Aureo Monjardim. O prédio onde hoje funciona a Capitania dos Portos pertencia ao senador Monjardim, o Duquinha, irmão de Adelpho, e era nele que se refugiavam os Monjardim durante os ataques dos pistoleiros contratados pelos inimigos políticos da família. Também pertencia à família Monjardim o prédio onde funcionou o antigo ginásio do Espírito Santo. Ali era residência de Manoel Monjardim, irmão do ex-prefeito de Vitória.

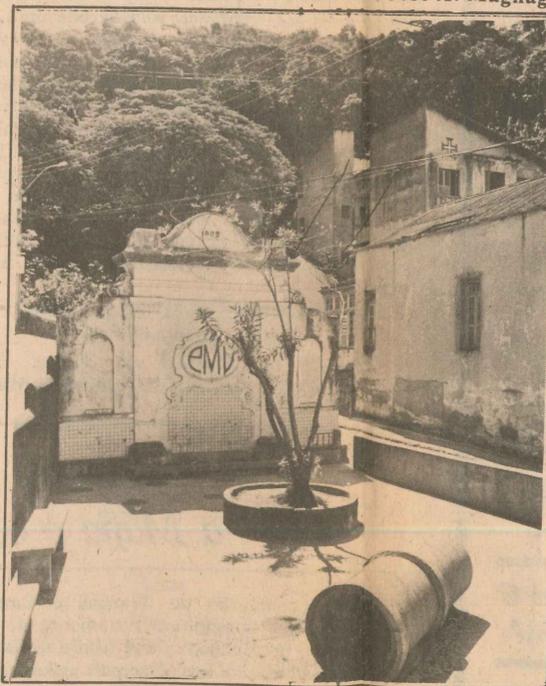
MUDANÇAS

Foi a partir da década de 50, com a aceleração do movimento comercial no centro da cidade, que a rua Barão de Monjardim começou a sofrer suas primeiras transformações, tornando-se bastante agitada por causa do tráfego de ônibus procedentes da região Norte de Vitória. Mas isto não durou muito tempo e logo o ex-prefeito Adelpho pediu ao diretor do Detran que mudasse o trajeto para a rua Henrique de Novaes, o que aconteceu.

Com isto, a rua voltou à calma: Mas novamente ela começa a ser agitada. Para o advogado Rubens Albuquerque, vizinho de Adelpho, “a rua está se tornando um inferno, com bares funcionando todos os dias, utilizando os seus aparelhos de som a todo volume até às altas horas da madrugada. Sua sobrinha Jacqueline César concorda, mas mesmo assim acha a Barão de Monjardim “a melhor rua de Vitória”.

Entre outros estabelecimentos, a rua conta, hoje, com a Capitania dos Portos, Emcatur, uma livraria, corretora, mercadinho, bares, gráfica, distribuidora de produtos farmacêuticos, centro de processamento de dados, lanchonete e até uma casa de compra e venda de sucatas, além de um edifício com 9 andares. O chafariz, que era muito frequentado, está desativado, e a onça colocada na gruta, que tinha em seus olhos dois faróis, “está cega”, ironiza Adelpho Monjardim. “É que as lâmpadas estão queimadas”, complementa o ex-prefeito — por duas vezes — de Vitória.

Foto de José A. Magnago



Obra do século passado, o chafariz foi desativado porque roubaram suas torneiras

El vero sapore d' Italia



Spaguetti, talharim, fettuccine, capeletti, lasanha, caneloni, ou una pizza.

Os mais saborosos pratos da cozinha italiana, com o gostinho da verdadeira massa feita em casa, você encontra diariamente, no almoço ou no jantar, na Cantina Prima Donna. Experimente! Você vai pedir bis!

CANTINA
PRIMA DONNA
Nova Guarapari

Aberto diariamente até às 24h, exceto às 3.ªs feiras.

• TODOS OS APTOS. DE 3 QUARTOS C/ SUÍTE E VARANDA
• ELEVADOR DE SERVIÇO COM SAÍDA DIRETA NA PRAIA

VENDAS EM VITÓRIA: